



Religião e Sociedade: Hegemonia ou Submissão

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Religião e Sociedade: Hegemonia ou Submissão

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R382	Religião e sociedade [recurso eletrônico] : hegemonia ou submissão / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-685-0 DOI 10.22533/at.ed.850190710 1. Religião e política. 2. Religião e sociologia. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 291.177
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Compreender o paradoxo da constituição de nosso espaço público republicano, que ao laicizar o Estado criou relações privilegiadas com a Igreja católica é crucial para se compreender a organização do campo religioso brasileiro. Até meados do século XX, assim como a natureza das novas transformações acentuadas a partir da década de 1960 (inclusive aquelas ocorridas no seio do próprio catolicismo). Pode-se dizer que, durante a primeira metade do século XX, o espaço público republicano destinado às religiões foi desenhado sob a hegemonia das instituições católicas, que contaram com a simpatia e a cumplicidade de inúmeras esferas do Estado. O que ocorreu a partir da segunda metade do século XX é que a Igreja Católica passou a perder sua posição hegemônica e sofreu enorme desgaste. Tal instituição inauguraria uma abertura diplomática em relação aos “povos não-crentes” e passaria a admitir o esforço pelo reconhecimento das religiões não ocidentais e de outros ramos do cristianismo, mesmo aqueles gerados dentro de suas próprias estruturas de outrora, e expurgados como expressão do paganismo ou do diabo. A partir de então, estratégia convencional de combate direto a outros cultos, já sem eficácia, abriu caminho para que outros cultos disputassem a legitimidade de sua presença no espaço social. O enfraquecimento da hegemonia católica criou assim condições para que a liberdade religiosa viesse a ser uma experiência social de mais amplo espectro (ALMEIDA & MONTERO, 2000:328-330). Em muitas nações católicas, a passagem para a segunda metade do século XX foi um momento marcado pelo desejo das próprias comunidades católicas locais de uma ampla reforma litúrgica. Isso se traduziu nos primeiros esforços efetivos tomados durante o pontificado de Pio XII (1939-1958) de aproximação com os grupos afastados da Igreja e da fé, e, assim, de um maior diálogo com as religiosidades nativas e populares, abrindo a possibilidade de um melhor entendimento com outras religiões.

Apesar da multiplicidade de planos que perpassam a experiência histórica que levou até o Concílio Vaticano II, incluindo aí questões particulares da Igreja romana e da Igreja Católica no Brasil, as principais linhas de força da primeira metade do século XX que influíram na caminhada até ele podem ser resumidas em cinco mudanças fundamentais: um novo posicionamento da Igreja diante da modernidade e do mundo; uma alteração profunda na compreensão do conceito de “leigo”, que levou a uma participação mais efetiva do povo na vida da Igreja; uma renovação eclesial e litúrgica aproximando clero e fiéis; a intensificação da participação e organização comunitária na Igreja e a guinada em direção a um discurso conciliador com a realidade da diversidade religiosa. Dessa forma, pode-se definir esse percurso histórico como um esforço renovador da Igreja Católica; inicia-se durante o fim da primeira metade do século XX, ganhando maior intensidade e densidade ao longo da década de 1950, até culminar na ocorrência do Concílio Vaticano II. Essa atitude inovadora, embora só se

estabeleça efetivamente após o Concílio Vaticano II, emergiu como uma alternativa à defesa da fé católica em termos apologéticos, característica do episcopado brasileiro durante toda a primeira metade do século XX. Portanto, em relação às outras religiões e às “religiosidades populares”, a grande inovação promovida pelo Concílio Vaticano II foi a passagem de uma atitude combativa, em contraposição às outras vertentes religiosas, para uma atitude de relativa compreensão e diálogo. Essas e outras profundas inovações convergentes no Concílio Vaticano II não se instalaram de forma imediata na sociedade, e também não foram decididas sem conflitos. Vários modelos eclesiológicos estavam em jogo. A abertura ao diálogo com o mundo contemporâneo e com as outras religiões ocorreu num período de maior aprofundamento das transformações em trânsito no século XX, e conseqüentemente de um profundo deslocamento do lugar na religião e da cristandade nas sociedades. No caso de muitos países ocidentais, incluindo o Brasil, a cristandade deixaria de ser o eixo estruturante do conjunto social, para que agora tivesse que “conquistar com suas próprias forças um espaço, a partir da consciência individual, não obstante sua marginalização na vida pública” (MATOS, 1997:341). Esse processo de mudanças históricas instaladas pelo Concílio Vaticano II ainda permanece em andamento, com retrocessos e avanços eventuais, de forma que mais de 40 anos depois ainda seja difícil prever ou mensurar o impacto efetivo e definitivo das propostas lançadas pelo Concílio. Campo religioso brasileiro na contemporaneidade? Creio que o melhor equacionamento de tal questão só é possível utilizando-se como lente de análise de estudos a Sociologia da Religião contemporânea, que, de alguma forma, encontram como denominador comum as questões pioneiramente propostas por Simmel, que no início do século XX indagou qual seria o papel ocupado pela religião em meio às transformações da sociedade moderna. A busca hoje do pertencimento a manifestações religiosas “populares”, notadamente expressões coletivas da fé, pode também ser interpretada como busca individual pela transcendência ou espiritualidade por meio dos elementos mágico-afetivo-sensitivos presentes em tais cultos/festejos e consoante os atributos da mística: suas dimensões coletivas (e muitas vezes festivas) permitem também o contato direto com o universo do sagrado sem a obrigação de intermediações hierárquicas ou ritos inflexivelmente estruturados, em grande parte através de recursos rituais permeados pela música, pela dança ou pela teatralidade. São formas de agradar tanto aos sentidos, quanto a Deus, aos santos ou entidades sagradas. Além disso, a relação com o universo do sagrado dá-se tanto individual como coletivamente, no prazer transcendente do contato consigo e com o outro. Assim, pode-se dizer que hoje manifestações religiosas “populares” ganham novo sentido de existência diante das profundas mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro, pois, em sua dinamicidade, reúnem aspectos da comunidade, da igreja e da mística, permitindo o multipertencimento da religiosidade transversal contemporânea, seja ele concomitante ao catolicismo, ao kardecismo ou aos terreiros. Além disso, a pertença a tais manifestações e a notoriedade pública proporcionada

por ela constitui também capital cultural individual e coletivo, que possibilita (auto) afirmação identitária e pertencimento a um grupo (mesmo que flexível), além da atribuição a tais manifestações do status de patrimônio cultural.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IGREJA CATÓLICA: SEXUALIDADE E A DITADURA MILITAR NO BRASIL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Monica Soares	
Paulo Rennes Ribeiro Marçal	
Isabel Cristina Correa Cruz	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Fernando Sabchuck Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.8501907101	
CAPÍTULO 2	12
A FUNÇÃO ECLESIAL DOS CARISMAS EM 1COR 12	
Marcela de Jesus Dias	
Vicente Artuso	
DOI 10.22533/at.ed.8501907102	
CAPÍTULO 3	20
ITINERÁRIO DA SINODALIDADE NA IGREJA: DAS ORIGENS DA IGREJA À VOLTA ÀS FONTES DO VATICANO II	
Pedro Paulo das Neves	
DOI 10.22533/at.ed.8501907103	
CAPÍTULO 4	38
ECOFEMINISMO: EM DEFESA DA DIGNIDADE DAS MULHERES E DA NATUREZA	
Severino Arruda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8501907104	
CAPÍTULO 5	49
AS BASES FILOSÓFICAS DA VISÃO NA CONTEMPORANEIDADE A RESPEITO DE DEUS	
Adelcio Machado dos Santos	
Joel Haroldo Baade	
DOI 10.22533/at.ed.8501907105	
CAPÍTULO 6	60
ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA. PASTORAIS SOCIAIS NA DIOCESE DE JOINVILLE – ANOS 1960-1990	
Rebecca Wuerz Balsanelli	
Rita de Cássia Pacheco	
Clélia Peretti	
DOI 10.22533/at.ed.8501907106	
CAPÍTULO 7	71
FUNDAMENTALISMOS, INTOLERÂNCIAS E LAICIDADES: A RELIGIOSIDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.8501907107	

CAPÍTULO 8	82
MARIOLOGIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO: A MARIA DAS 'PRÉDICAS AOS CANUDENSES	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8501907108	
CAPÍTULO 9	90
PERSEGUIÇÃO CONTRA RELIGIÃO AFRO BRASILEIRA AUMENTA VIOLÊNCIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL	
Flávia Abud Luz	
Monica Abud Perez de Cerqueira Luz	
DOI 10.22533/at.ed.8501907109	
CAPÍTULO 10	99
RELIGIÃO E A POLÍTICA: UM ESTUDO SOBRE O ELEITORADO EVANGÉLICO	
Leandro Ortunes	
Silvana Gobbi Martinho	
Tathiana Senne Chicarino	
DOI 10.22533/at.ed.85019071010	
CAPÍTULO 11	104
UM REFORMADOR BRASILEIRO NO BRASIL IMPERIAL	
Raimundo Nonato Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.85019071011	
CAPÍTULO 12	116
OS CONTORNOS DA TÉCNICAS DE SI NA SEXUALIDADE E NA HISTÓRIA DA RELIGIÃO NO BRASIL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Maria Regina Momesso	
Fernando Sabchuk Moreira	
Andreza de Souza Fernandes	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Isabel Cristina Correa Cruz	
Valquiria Nicola Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.85019071012	
SOBRE A ORGANIZADORA	130
ÍNDICE REMISSIVO	131

AS BASES FILOSÓFICAS DA VISÃO NA CONTEMPORANEIDADE A RESPEITO DE DEUS

Adelcio Machado dos Santos

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Docente e Pesquisador nos Programas de Pós-Graduação “*Stricto Sensu*” em Desenvolvimento e Sociedade e Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp)

Endereço: rua Prof. Egídio Ferreira nº 271, bloco “E”, Apto. 303 – bairro Capoeiras 88090-699 Florianópolis (SC) Brasil. E-mail: adelciomachado@gmail.com

Joel Haroldo Baade

Doutor em Teologia pela Faculdades EST São Leopoldo, RS. Docente e Pesquisador do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento e Sociedade e do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. E-mail: baadejoel@gmail.com

RESUMO: As concepções a respeito de Deus, seja na história da ciência e da filosofia, ou na história da teologia são bastante díspares. As raízes da compreensão contemporânea sobre a ideia de Deus estão na Grécia Antiga, mas cujas concepções sofrem inúmeras mudanças ao longo da história, devido a múltiplas influências. A partir disso, o objetivo da presente análise é esboçar o desenvolvimento das compreensões a respeito da ideia de Deus ao longo da história ocidental de modo a compreender a concepção contemporânea a respeito de Deus.

A abordagem é de natureza exploratória e descritiva, fazendo uso de fontes bibliográficas. Conclui-se que o desenvolvimento histórico da ideia de Deus, da filosofia e da ciência não permite descartar a ideia de Deus como algo contrário à razão humana.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito de Deus. Religião. Filosofia.

THE PHILOSOPHIC BASES OF THE VISION OF GOD IN CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: The conceptions about God, be they in the history of science and of philosophy, or in the history of theology are quite disparate. The roots of the contemporary comprehension about the idea of God are in Ancient Greece, but these conceptions go through innumerable changes throughout history due to multiple influences. Based on this, the goal of this analysis is to outline the development of the comprehensions of the idea of God throughout western history so as to understand the contemporary conception about God. The approach is of exploratory and descriptive nature making use of bibliographic resources. The conclusion is that the historical development of the idea of God, from philosophy to science, does not permit discarding the idea of God as something contrary to human reason.

KEYWORDS: Concept of God. Religion. Philosophy.

INTRODUÇÃO

[...] Se todos os seres fossem corruptíveis, então tudo o que existe seria corruptível. Mas é impossível que o movimento se gere e se corrompa, porque ele sempre foi, e também é possível que se gere e se corrompa o tempo, porque não haveria o antes e o depois se não existisse o tempo. Portanto, o movimento é contínuo, assim como o tempo: de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento ou uma característica dele [...]. Se existisse um princípio motor e eficiente, mas que não fosse em ato, não haveria movimento; de fato, é possível que o que tem potência não passe ao ato [...]. É necessário que haja um princípio, cuja existência seja o próprio ato.¹

Aristóteles, no excerto acima apresentado, a respeito do “Primeiro Motor”, esclarece que, de acordo com sua experiência do mundo, o movimento parece eterno, pois não há indícios de que ele seja gerado e se corrompa. O mesmo se dá com o tempo: com efeito, o tempo é uma forma de medir o “antes” e o “depois” das coisas, ou seja, o movimento, a mudança. Ele é uma característica do movimento. Ora, esse dinamismo eterno não mostra ter-se originado de si mesmo, de maneira que é preciso supor uma causa externa para ele. Mas tal causa, sendo princípio e origem do movimento, tem de ser em ato, ou seja, tem de ser perfeita, acabada, pois, caso contrário, parecerá submissa ao mesmo movimento (e não será, então a causa dele) ou poderá nem vir a existir.

O primeiro motor, então, tem de ser em ato; sua essência deve ser ato; portanto, imóvel. Quer dizer, ele deve ser tudo o que ele é; um ser em perfeição, sem mudança nenhuma, pois, caso contrário, se ele sofrer alguma mudança ou alguma carência, significará que terá recebido ou poderá receber algum movimento de outro ser, algum complemento, e isso o fará buscar a origem do movimento eterno em outro ser. A pesquisa correria o risco de ser reaberta ao infinito.²

“Deus” é um tema que interessa à filosofia desde a aurora do pensamento grego até hoje. Há filósofos que apresentam razões para afirmar sua existência, sua ação na vida humana etc. como também há filósofos que apresentam motivos para não afirmar isso. Pode-se discutir se as razões de ambas as tendências são válidas e se elas correspondem de fato ao que ensina a experiência humana³.

Este artigo, que disserta sobre a visão da contemporaneidade a respeito de Deus, alicerça-se, em pesquisa bibliográfica, cujas referências encontram-se elencadas ao final deste estudo, tomando-se, à guisa de texto norteador, o livro “Deus”, da lavra de Juvenal Savian Filho.⁴

O estudo parte da Ideia Comum que destaca o modo como Deus se opera na existência cotidiana, seja de uma forma constante, como horizonte permanente da vida, ou de uma forma ocasional, em meio às “distrações”. Aborda-se, para início de análise, três concepções de aproximação do divino: A maneira de se aproximar

1 ARISTÓTELES, 2002.

2 SAVIAN FILHO, 2008.

3 SAVIAN FILHO, 2008.

4 SAVIAN FILHO, 2008.

de Deus segundo o senso comum, na qual Ele é invocado como Pai; em seguida aborda-se a Ideia Religiosa que se enfatiza a relação ou, para alguns autores, a falta de relação entre Deus e o ser humano. Emana deste fato a insistência em motivos tais como o sentimento de criação e o caráter pessoal do divino, a dependência absoluta ou a transcendência absoluta. A aproximação de Deus na ideia religiosa, em que impera o sentimento de que Ele está no fundo da própria personalidade, a qual, por outro lado, se considera indigna Dele. Por fim, demonstra-se a ideia filosófica que acentua a relação de Deus com o mundo.

Aristóteles, discípulo de Platão⁵, embora também fosse platônico, destoa de seu mestre na explicação do mundo, mas concorda que deve haver um ser divino que seja a causa da transformação eterna do mundo, pois, caso não se afirme isso, a experiência do mundo parecerá absurda. Os filósofos da Idade Média eram herdeiros do pensamento greco-romano. É verdade que o pensamento dos filósofos da Idade Média se diferencia bastante do pensamento greco-romano, pois, enquanto os antigos não concebiam Deus como um ser com o qual os seres humanos podem relacionar-se, é exatamente assim que praticamente a totalidade dos filósofos da Idade Média o veem.

O pensamento filosófico na Modernidade, isto é, nos séculos XVI a XVIII, foi marcado por uma atitude de crítica do pensamento antigo e medieval. Alguns filósofos, por isso, não hesitavam em concluir que o Deus da religião tinha de ficar fora da pesquisa científica, pois ele não podia ser verificado pela experiência empírica. No máximo, poderíamos falar de Deus como um ser que desempenha um papel na organização do universo.

René Descartes⁶ concebeu Deus de maneira não religiosa em sua filosofia. Leibniz⁷ afirma que a existência de Deus mostra-se como condição necessária e suficiente da explicabilidade da existência das coisas contingentes, pois diante da ideia do ser que porta a razão de sua existência em si mesmo, não é preciso mais remeter a outras coisas para explicar sua existência. Mas na contemporaneidade, Deus é o mundo. É preciso voltar sem cessar a Deus com a paixão e a audácia do pensamento, com a verdade das perguntas e todas as implicações das contradições da vida⁸.

A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

A ciência não pode ser nem a favor nem contra Deus, porquanto ela se baseia

5 Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles.

6 René Descartes (1596-1650) foi filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático.

7 Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), foi filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia.

8 OLIVEIRA; ALMEIDA, 2002.

em evidências sensíveis, e Deus não entra no campo das evidências sensíveis. Uma análise filosófica do debate entre ciência e religião revela muitas coisas. Uma delas é que esse tipo de problemática é levantada de maneira um tanto artificial. A observação mostra que ninguém tem fé porque quer afirmar que o mundo tem um criador. A fé parece começar, na verdade, na experiência íntima de Deus que conquista o coração humano. Imaginar que alguém passe a ter fé depois de ter refletido sobre a Criação ou não do mundo é algo distante do que parece acontecer com os que têm fé.⁹

Seja para afirmar que o Universo tem um Criador, seja para negar tal asserção, o cientista deve honestamente assumir que precisa exorbitar os lindes da pesquisa científica, indo para a área da Teologia, nomeadamente a Metafísica. Ademais disso, tudo o que uma ciência afirma, por mais seguro que seja, não deixa de ser marcado por certa precariedade, aquela da possibilidade de ser revisto e, inclusive, refutado.¹⁰

Com o intuito de situar-se no objetivo deste estudo, cumpre colimar o que Mora (2000) aponta como as três ideias para o problema de Deus: a comum, a religiosa e a filosófica. Frisando que estas três ideias em questão não costumam existir separadamente: o homem religioso, o filósofo e o homem comum podem coexistir numa mesma personalidade humana.¹¹

A IDEIA COMUM

Esta ideia destaca o modo como Deus se verifica na existência cotidiana, seja de uma forma constante, como horizonte permanente da vida, ou de uma forma ocasional, em meio às “distrações”. A maneira de se aproximar de Deus, no senso comum, é que Ele é invocado como Pai.¹²

A IDEIA RELIGIOSA

Essa ideia enfatiza a relação ou, para alguns autores, a falta de relação entre Deus e o ser humano. Daí a insistência em motivos tais como o sentimento de criaturidade, o caráter pessoal do divino, a dependência absoluta ou a transcendência absoluta. A maneira de se aproximar de Deus, na ideia religiosa, Ele é sentido como se estivesse no fundo da própria personalidade, a qual, por outro lado, se considera indigna Dele.

Esta pesquisa delimitou o assunto Deus em uma visão monoteísta, cujas principais religiões são a Cristandade, o Islam e o Judaísmo. Estas três religiões são denominadas monoteístas porque creem na existência de um único Deus.

As tradições religiosas monoteístas costumam afirmar que Deus respeita a

9 SAVIAN FILHO, 2008.

10 SAVIAN FILHO, 2008.

11 MORA, 2000.

12 MORA, 2000.

existência do mal moral porque a possibilidade de o ser humano equivocar-se é exigida por uma faculdade fundamental outorgada por Deus, o dom da liberdade. Do ponto de vista filosófico, essa explicação parece racional, porquanto não afirma a existência de alguma natureza má em si mesma (o que seria contraditório), mas define o mal como possibilidade de equívoco resultante da condição humana limitada.¹³

O islamismo, por exemplo, apregoa, de acordo com Al-Karam (2000), que todos os profetas e mensageiros vieram com uma só missão, uma só religião e que o Profeta Muhammad¹⁴ não se diferencia dos profetas anteriores a ele, Jesus e Moisés; que Jesus, filho de Maria, não difere de Moisés, nem Moisés, o Profeta de Deus, difere dos profetas que o sucederam, Jesus e Mohammad. Todos pregaram a religião de Abraão, o Patriarca dos profetas, a religião do monoteísmo, da paz e da submissão ao Criador Único.¹⁵

Para Al-Karam (2000), é logicamente e legalmente impossível que os ensinamentos de um dos profetas a respeito de Deus difiram dos ensinamentos de outro, ou sejam contraditórios, principalmente no que diz respeito aos relacionados com a Pessoa de Deus, Seus atributos, Sua Unicidade, Sua Perenidade, Seu Absolutismo e Sua Eternidade.¹⁶

A IDEIA FILOSÓFICA

A ideia filosófica acentua a relação de Deus com o mundo. Por isso, segundo essa ideia, Deus é visto como um absoluto, como fundamento das existências, como causa primeira, como finalidade suprema. A maneira de se aproximar de Deus, na ideia filosófica, é que Ele é pensado como Ente supremo.

Saviani Filho (2008), por exemplo, enfatiza que interessa muito o que alguns filósofos antigos afirmaram sobre Deus. Alguns deles, em suas filosofias, deduziram a necessidade de afirmar a existência de um ser divino, pois, caso contrário, a experiência do mundo pareceria absurda. Em outras palavras, para alguns filósofos gregos e romanos, ou se afirma a existência de um ser divino ou tudo o que parece ocorrer no mundo não fará o menor sentido, será absurdo.¹⁷

Por sua vez, Mora (2000) declara que os filósofos tendem a fazer de Deus um objeto de especulação racional. Isso explica as conhecidas concepções filosóficas, das quais o autor menciona algumas: Deus é um ente infinito; é o que é em si, e por si se concebe; é um absoluto ou, melhor dizendo, o Absoluto; é o princípio do universo, o Primeiro Motor, a causa primeira; é o Espírito ou a Razão universal; é o Bem; é o Uno; é o que está para além de todo o ser; é o fundamento do mundo e até o próprio mundo entendido em seu fundamento; é a finalidade a que tudo tende.¹⁸

13 SAVIAN FILHO, 2008.

14 Profeta muçulmano, foi um líder religioso e político árabe.

15 KARAM, 2000.

16 KARAM, 2000.

17 SAVIAN FILHO, 2008.

Algumas dessas concepções foram elaboradas e aprimoradas por filósofos cristãos; outras procedem da tradição grega; outras estão inseridas em certas estruturas “permanentes” da razão humana.¹⁹

FILÓSOFOS DA ANTIGUIDADE

Platão chega, pois, à conclusão de que é preciso supor a existência de um ser primeiro, garantia das identidades eternas, as quais, por sua vez, seriam refletidas no material mutável, de maneira que a soma de ambos produziria as coisas individuais. Ao ser primeiro que imprime a identidade em cada coisa, Platão chamou de Demiurgo ou Artífice, o qual, seguindo o modelo eterno do Bem, representa o princípio do dinamismo de tudo o que é gerado.²⁰

Aristóteles, embora epígono de Platão, destoa de seu mestre na explicação do mundo, todavia concorda que deve haver um ser divino que seja a causa da transformação eterna do mundo, visto que, caso não se afirme isso, a experiência do mundo afigurar-se-á disparatosa. Nesse sentido, Aristóteles constata, pela experiência sensível, que todas as coisas se transformam, estão em contínua mudança. Quando ele fala de “mudança”, refere-se ao mesmo dinamismo universal já estudado por Platão.²¹

FILÓSOFOS DA IDADE MÉDIA

Os filósofos da Idade Média não se interessavam por Deus mormente porque eles eram herdeiros do pensamento greco-romano. É veraz que o pensamento dos filósofos da Idade Média se diferencia do pensamento greco-romano, pois, enquanto os antigos não concebiam Deus como um ser com o qual os seres humanos podem relacionar-se, é exatamente assim que praticamente a totalidade dos filósofos da Idade Média o veem.²²

Verifica-se, por conseguinte, uma mudança no modo de tratar o tema “Deus”, porquanto os filósofos judeus, cristãos e muçulmanos, a par de conceberem o divino como um ser do qual depende a harmonia cósmica, concebê-lo-ão também – em continuidade com suas religiões – como um ser com o qual é exequível estabelecer uma relação dialógica. Nesse sentido, para entender o período da Idade Média, precisa-se evitar o preconceito muito recorrente de que os filósofos queriam difundir suas religiões, e, por isso, falavam de Deus. O procedimento é outro. Trata-se de identificar, no ser divino venerado pelas religiões, as características que permitem identificá-lo filosoficamente como o ser do qual depende a existência de todas as

18 MORA, 2000; COSTA, 2003.

19 COSTA, 2003.

20 SAVIAN FILHO, 2008.

21 ARISTÓTELES, 2002.

22 SAVIAN FILHO, 2008.

coisas, como faziam os gregos sem falar de religião.²³

FILÓSOFOS DA MODERNIDADE

O pensamento filosófico na Modernidade, isto é, nos séculos XVI a XVIII, foi marcado por uma atitude de crítica do pensamento antigo e medieval. Deus passa a ser tratado de maneira um pouco diferente de como era até então. De modo geral, pode-se dizer que os filósofos modernos tinham como preocupação primeira estabelecer aquilo que podia ser conhecido “racionalmente” (cientificamente, empiricamente) e aquilo que escapava ao campo da razão (da ciência). Alguns filósofos, por isso, não hesitavam em concluir que o Deus da religião tinha de ficar fora da pesquisa científica, pois ele não podia ser verificado pela experiência empírica. No máximo, se poderia falar de Deus como um ser que desempenha um papel na organização do universo.²⁴

René Descartes concebeu Deus de maneira não religiosa em sua filosofia. Mesmo dizendo ter certa fé religiosa, para ele chegar a Deus era apenas uma exigência da razão, na medida em que tudo o que existe, contendo em si uma completude e não sendo causa de si mesmo, tem de provir de algo mais perfeito.²⁵

Leibniz, citado por Oliveira e Almeida (2002), afirma que a existência de Deus mostra-se como condição necessária e suficiente da explicabilidade da existência das coisas contingentes, pois diante da ideia do ser que porta a razão de sua existência em si mesmo, não é preciso mais remeter a outras coisas para explicar sua existência. A ideia de Deus, porquanto tem em si o conceito de necessidade, rompe com a sequência das explicações meramente relativas e remete diretamente à razão última de todas as coisas.²⁶

Gaarder (1995), em seu *best-seller* “O mundo de Sofia”, destaca que para Spinoza, Deus não é alguém que criou o mundo um dia e desde então é uma entidade à parte de sua criação. Deus é o mundo. Às vezes Spinoza se expressa de uma forma um pouco diferente e diz que o mundo *é em Deus*, fazendo referência ao discurso do apóstolo Paulo que diz: “porque nele vivemos, nos movemos e existimos”.²⁷

Immanuel Kant²⁸, seguindo esse espírito de separação de territórios, passou a reservar “Deus” como alvo de interesse para a legislação moral, pois, no seu dizer, o que se chama de Deus não resistiria à análise científica para impor-se como objeto desse tipo de análise.²⁹ Conforme explicita Fialho (1993), só o gênio de Kant

23 SAVIAN FILHO, 2008.

24 SAVIAN FILHO, 2008.

25 DESCARTES, 2004.

26 OLIVEIRA; ALMEIDA, 2002.

27 GAARDER, 1995.

28 Immanuel Kant ou Emanuel Kant (1724 - 1804) foi um filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes.

29 KANT, 2001.

possibilitou que se salvasse a Ciência e a Filosofia das trevas onde elas foram atiradas.³⁰

CRISE DA RAZÃO E CONTEMPORANEIDADE

A partir do século XIX, para que a filosofia seja realmente próxima da vida, ela se sente instalada a considerar seriamente outros elementos (antropológicos, psicológicos, econômicos, culturais), sem ficar apenas com a ferramenta da “razão” científica, tal como concebida na Modernidade. Requer-se em alargamento no conceito de razão, e, desse ponto de vista, o tema “Deus”, como todos os outros temas, passa a receber uma abordagem diferente. Assim, justamente porque importa agora, na contemporaneidade, considerar esses outros elementos na reflexão filosófica, os filósofos não se dedicarão tanto a pesquisar sobre a vida de Deus, sua essência, como fizeram os filósofos anteriores, mas estudar o que Deus representa para a vida humana. Se antes os filósofos perguntavam “Quem ou o que é Deus?”, agora, nos séculos XIX e XX, eles passam a perguntar “O que se passa com o ser humano se ele acreditar em Deus?”, ou então “Por que crer em Deus?”³¹

Kierkegaard³² foi um crítico radical do pensamento excessivamente racionalista dos filósofos modernos porque, na sua experiência, ele reputava falsa, e muito distante da vida, a filosofia que se perde nos conceitos.

Karl Marx³³ conduziu a reflexão filosófica mais para o campo da existência social e menos para as experiências do indivíduo. No seu dizer, a sociedade é uma realidade histórica que se perfaz graças a contradições internas de ordem econômica. *Grosso modo*, pode-se dizer que, para Marx, a existência seria material, sem dimensões não-materiais. Destarte, faz-se mister conceber o humano como parte da natureza material, e, por isso, como um ser cuja identidade é a de produzir seu mundo a partir das coisas exteriores. Deus, dessa perspectiva, é visto por Marx como o nome dado pelos seres humanos para o sentido que eles dão à sua vida como forma de iludir-se e de escapar à necessidade de aceitar o verdadeiro sentido, qual seja, a vida material terrestre.³⁴

Nietzsche³⁵, por sua vez, apresenta uma reflexão vigorosa sobre a cultura, sendo por isso conhecido muitas vezes como um demolidor implacável dos valores morais. Na verdade, o que ele fez foi revelar os disfarces sob os quais se ocultam, nos valores morais, desejos e instintos reprimidos, que terminam por contaminar de má-fé a natureza boa desses valores. Para ele, Deus e a ideia de dever (que

30 FIALHO, 1993.

31 SAVIAN FILHO, 2008.

32 Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo e teólogo dinamarquês.

33 Karl Heinrich Marx (1818 — 1883) foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

34 SAVIAN FILHO, 2008.

35 Friedrich Wilhelm Nietzsche, por vezes em português Frederico Nietzsche (1844 — 1900) foi um influente filósofo alemão do século XIX.

caracterizam a moral e a metafísica) não passariam de invenções para abdicar dos instintos que caracterizam o ser humano.³⁶

Freud³⁷, mais interessado em analisar a vida psíquica do ser humano, julgava que as ideias religiosas não resultam de uma experiência ou de um resultado final de reflexão, mas são ilusões, formas de efetivação de anelos antigos. Para Freud, a criança, enquanto é protegida pela figura paterna, sente-se confortável. Na vida adulta, se ela não se tornar realmente adulta e não assumir a fragilidade da vida humana, elaborando-a, procurará subterfúgios para fugir de seu sofrimento. Um desses subterfúgios seria a religião, cujo nascimento, no dizer de Freud, se deu justamente como forma de substituir a figura paterna, em uma relação enfermiça.³⁸

Contudo, o que um filósofo pode concluir sobre o significado de Deus ou dessa presença divina para as pessoas que creem? Uma análise filosófica do modo como falam de Deus aqueles que têm fé amadurecida e consciente constata que as pessoas têm fé porque, por meio do aprofundamento de uma experiência (de felicidade ou de dor), percebem que a vida delas tem um significado mais amplo e não se exaure nos lindes do momento presente.³⁹

Filosoficamente falando, não é incoerente pensar em Deus nem dizer que ele é transcendental, princípio ou causa de tudo o que há, absoluto, único, eterno, perfeito, onisciente, onipresente, pessoal e providencial. De certa maneira, as concepções de Deus aqui apresentadas confirmam um ou outro desses atributos.⁴⁰

Entretanto, retomando todos aqueles predicados atribuídos a Deus pela concepção religiosa, não parece muito racional dizer que ele é onipotente, nem que ele é bom, afinal, se ele é bom, como explica a existência do mal no mundo? E, se ele é onipotente (isto é, se ele pode fazer tudo o que quiser), por que não extirpa o mal da face da terra?⁴¹

Para responder a tudo isso é preciso entender, antes, o que se chama de mal. Algumas tradições orientais dizem que o mal é uma das dimensões do ser, visto que há o bem e o mal, contrários e produtores de harmonia. Essa posição, entretanto, não resiste a uma análise racional, pois, ao se dizer que o “bem” é uma dimensão do ser, como poderá o “mal”, que é contrário ao bem, também constituir o ser? Não será ele o não-ser? E vice-versa? Em vez de harmonia de contrários, o que se tem é uma implosão do ser. Por isso, logo cedo na história do pensamento ocidental, os filósofos se recusaram a admitir que exista alguma coisa má em si mesma no mundo. Quando os filósofos religiosos tiveram de refletir sobre isso, chegaram à mesma conclusão, pois, se houver alguma coisa má em si mesma, ela terá vindo de

36 SAVIAN FILHO, 2008.

37 Sigmund Freud (1856 —1939) foi um médico neurologista austríaco e judeu, fundador da psicanálise.

38 SAVIAN FILHO, 2008.

39 SAVIAN FILHO, 2008.

40 SAVIAN FILHO, 2008.

41 SAVIAN FILHO 2008.

Deus, e então Deus conterà o mal em si mesmo, de modo que se anularia.⁴²

Desse ponto de vista, nem procela nem enfermidade seriam más em si mesmas; elas seriam o resultado do dinamismo da vida, e, por conseguinte, cumpririam uma função no conjunto. A única forma possível para falar do mal é pensando-o como algo moral, ou seja, ligado à liberdade do ser humano. Assim, em vez de fazer o bem, o ser humano escolhe fazer ações desordenadas, mas isso não significa produzir uma substância chamada “o mal”, nem algo mau em si mesmo. Isso pode significar um equívoco, uma cegueira. Nessa linha, se Deus é onipotente, por que não extirpou o mal da face da terra? Por que permitiu que ele existisse?⁴³

Contudo, para que crer em Deus se as religiões constituem manancial de guerra e intolerância? Antes de tudo é preciso distinguir entre Deus e as religiões, sabendo que Deus não pode ser responsabilizado pelas incoerências perpetradas pelas religiões. Ademais disso, faz-se mister lembrar que nem toda religião perpetra violência. Posto que os aspectos negativos do transato cristão na Idade Média, à guisa de exemplo, não podem obstar a visão dos intermináveis contributos que a fé cristã trouxe para o desenvolvimento da civilização ocidental.⁴⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, não se pode deixar de concordar com Forte (2002), ao afirmar que, para poder atrair as pessoas a Deus, a Igreja necessita voltar continuamente a Ele, pertencer-Lhe sem reservas e sem vínculos e tomar o caminho da reforma e da conversão, no reconhecimento das próprias culpas e na alegre confissão do Eterno que visitou o tempo para que o tempo acolha o Eterno. E isto supõe uma profunda consciência crítica, uma consciência teológica em nada superficial ou episódica. É preciso voltar sem cessar a Deus com a paixão e a audácia do pensamento, com a verdade das perguntas e todas as implicações das contradições da vida.

Todavia, aqui novamente apropria-se das palavras de Savian Filho (2008), de acordo com o qual um filósofo pode concluir sobre o significado de Deus ou dessa presença divina para as pessoas que creem? Uma análise filosófica do modo como falam de Deus aqueles que têm fé amadurecida e consciente constata que as pessoas têm fé porque, por meio do aprofundamento de uma experiência (de felicidade ou de dor), percebem que a vida delas tem um significado mais amplo e que não se esgota nos limites do momento presente.

Em suma, e fulcrando-se no magistério de Fialho (1993), toda a Filosofia e toda a Ciência só se revestem de sentido admitida a existência de Deus e negá-lo importa considerar como não válidos tanto a Lógica como a possibilidade de teorizar

42 KLOPPENBURG, 2001; SAVIAN FILHO, 2008.

43 KLOPPENBURG, 2001; SAVIAN FILHO, 2008.

44 SAVIAN FILHO, 2008.

em cima de experimentos.

REFERÊNCIAS

- KARAM, Amim Abdel Rahman. **A unicidade de Deus, e Mohamad, na Bíblia**. São Bernardo do Campo: Provo, 2000.
- ARISTÓTELES, **Metafísica**: livro XII. [S.l.]: [s.n.], [2002].
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**: história, filosofia e religião. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DESCARTES, René. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- FIALHO, Francisco. **A eterna busca de Deus**. Sobradinho, DF: Edicel, 1993.
- FORTE, Bruno. **Teologia em diálogo**: para quem quer saber e para quem não quer saber nada disso. São Paulo: Loyola, 2002.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **A fé do cristão católico de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2000. Tomo I.
- OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio (Orgs.). **O Deus dos filósofos modernos**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SAVIAN FILHO, Juvenal. **Deus**. São Paulo: Globo, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO: Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

B

Brasil Imperial 104

C

Carismas 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 64

Comunidade cristã 12, 31

Corpo 12, 13, 14, 16, 17, 18, 23, 32, 40, 41, 44, 45, 46, 63, 67, 94, 122, 128, 129

D

Defesa da dignidade 38, 39

Direitos Humanos 8, 9, 11, 60, 69, 70, 71, 77, 78, 79, 91, 97

Ditadura Militar 1, 2, 8, 10, 11

E

Eleitorado Evangélico 99, 103

F

Fundamentalismos 71, 80

H

Hegemonia 5, 91, 94

I

Igreja católica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 26, 32, 69, 84, 85, 104, 107, 110, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125

Intolerância 58, 77, 78, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98

L

Laicidades 71

M

Memória e História 60, 61

Mulheres 13, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 75, 76, 80, 85, 94, 113, 114, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126

N

Natureza 25, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 56, 60, 61, 63, 73, 84, 87, 119, 121, 122, 127

P

Pastorais sociais 60, 61, 62, 66, 68

Perseguição 7, 23, 75, 90

Política 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 34, 41, 46, 51, 65, 66, 73, 74, 75, 78, 79, 83, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 113, 114, 123

R

Reformador brasileiro 104, 108, 113

Religião 1, 3, 4, 21, 48, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 103, 105, 107, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 123, 125, 126, 129

Religião afro brasileira 90

Religiosidade brasileira contemporânea 71

S

Sexualidade 1, 2, 76, 94, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 129, 130

Sociedade 2, 3, 4, 11, 34, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 56, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 95, 96, 97, 105, 106, 109, 110, 111, 113, 114, 117, 118, 125, 129

Submissão 32, 53

T

Técnicas de si na Sexualidade 116

V

Violência 6, 7, 8, 43, 45, 58, 90, 92, 93, 95, 96, 97

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-685-0

